



Criar a partir do meu passado foi a maneira que encontrei para entender quem eu sou e os caminhos que escolhi. Para isso, preciso considerar a minha vida e o que me levou a ser quem sou. A perseguição que a minha família, os meus amigos e eu sofremos. A minha infância na Transilvânia atravessada pela Segunda Guerra Mundial, a separação dos meus pais, a morte de quase todos os meus parentes e a luta pela sobrevivência.

Depois de fugir para a Suíça e morar nos Estados Unidos, cheguei ao Brasil e, aos poucos, fui me aproximando de povos indígenas. Ao conviver com os lanomâmi – o fascínio pela cultura deles e a dor de vê-los ser dizimados –, relembrei a minha infância.

Assim fiz as minhas escolhas, a minha criação.

O mais importante nesta história é defender a vida do povo lanomâmi, e a essa defesa dedico a minha vida.

CLAUDIA ANDUJAR

Ela precisou se mudar tantas vezes que se renomeou Claudia Andujar, naturalizou-se brasileira, virou fotógrafa, morou em aldeias indígenas – onde ganhou outro nome, Napeioma (ESTRANGEIRA em ianomâmi) – e se tornou defensora incansável desse povo. Foi com eles que reviveu a experiência da infância, durante a Segunda Guerra Mundial, no Leste Europeu, de ver sua aldeia, sua família e seu entorno dizimados.

Filha de pai judeu, conheceu a bestialidade do nazismo ainda criança na região da Transilvânia, na fronteira da Hungria com a Romênia. Fugiu com a mãe para a Suíça; depois foi para os Estados Unidos viver com o único outro parente sobrevivente, um tio. Lá, ela se casou e começou a se interessar por arte. Foi reencontrar a mãe em São Paulo, onde conheceu a fotografia. Tornou-se fotojornalista; descobriu o universo indígena, a Floresta Amazônica, e se encantou com os ianomâmi.

Vivendo no norte da Amazônia, entre o Brasil e a Venezuela, esse povo soma 35 mil pessoas (em censo de 2011) e possui, na área brasileira, uma terra de 9.600 hectares, homologada há 30 anos – processo do qual Claudia participou ativamente. Assim como todos os povos indígenas, eles são sobreviventes da sistemática violência do confronto com os garimpos e o agronegócio e da destruição do meio ambiente.

Nos anos 1970, Claudia morou com eles em diferentes períodos, até ser expulsa pela ditadura militar, em 1977. Os fantasmas do seu passado haviam despertado diante da situação dos indígenas. E ela diz que foi essa percepção, o encontro consigo mesma – nascida Claudine Haas, a mais nova entre primos e parentes que moravam próximos –, que a fez criar.

Claudia é autora de milhares de fotografias e dezenas de livros, e participou de mais de uma centena de exposições. Suas obras estão presentes em museus do Brasil, das Américas Latina e do Norte e da Europa. Ela criou também, com o missionário italiano Carlo Zacchini (1937) e outros parceiros, a Comissão Pró-Yanomami (CCPY) e viajou com o líder e xamã ianomâmi Davi Kopenawa (1956), levando essa luta para todos os lugares que conseguiu alcançar.

Na sua obra artística, trabalhos produzidos durante os anos 1970 e no início dos 1980 – como as séries SONHOS YANOMAMI e MARCADOS – são referências, assim como os desenhos que reuniu a partir de uma intervenção que realizou nas aldeias pedindo aos indígenas que desenhassem seu universo e seus mitos. Em 2015, essa obra imensa floresceu com um pavilhão em Inhotim, na cidade de Brumadinho (MG).

Claudia segue incansável na luta pela vida. Há quatro anos, a exposição CLAUDIA ANDUJAR – A LUTA YANOMAMI, inaugurada no Brasil, circula pela Europa; e, em 2023, chegará às Américas do Norte e Latina. Na sala da sua casa há três fotos de sua autoria na parede. São crianças ianomâmi. Curumins que a veem, aos 91 anos, virar outra vez criança, curumim, e que com ela conversam sobre a esperança.



UMA AFIRMAÇÃO DA VIDA

A obra fotográfica de Claudia Andujar está associada, desde o início da década de 1970, ao povo ianomâmi. É naquele momento que ela começa a registrar, em imagens, uma forma de vida complexa que contribui, com seus saberes e suas invenções, para a necessária diversidade cultural do mundo. Poucos anos depois, contudo, ela passa também a testemunhar as consequências da ocupação predatória e violenta do território daquele povo por agentes privados e públicos. Desde então, seu trabalho como artista se confunde com a exigência ética de juntar-se à luta dos ianomâmi por sobrevivência.

Exigência urgente de inserir esse povo indígena – por meio da fotografia e de variadas ações políticas – na teia de embates em que diferenças são confrontadas e direitos são assegurados. Exigência de estabelecer um lugar de representação para o outro no qual a palavra já não basta, ou nunca se mostrou adequada. Fotografar, para Claudia Andujar, é um ato de afirmação da vida. **MOACIR DOS ANJOS**

